



A música moçambicana perdeu na madrugada deste sábado(10) um dos seus grandes intérpretes e compositores: João Domingos. Faleceu na capital da Inglaterra, na companhia de uma das suas filhas, para onde se havia deslocado para tratamento médico depois de ter sido acometido por dois acidentes vasculares cerebrais(AVC). O @Verdade recupera uma cavaqueira publicada por ocasião do seu octogésimo aniversário na qual revelou a sua infância em Inharrime, na meridional província de Inhambane, onde nasceu a 13 de Maio de 1933, e onde contou que “ninguém inventou a Marrabenta”, o ritmo musical surgiu num bar dos Comorianos no bairro da Mafalala, e ainda revelou que a Rumba é originária de Moçambique.

Durante a II Guerra Mundial – a mesma época em que decorre a história dos neflins (Gen. 6.4), que vou desenvolver num espaço apropriado –, em Inharrime surgiu um surto de sarna que infectou o povo. A situação foi preocupante de tal sorte que as pessoas se dirigiam ao hospital em massa. No Posto de Saúde de Inharrime apareceram dois homens que, morando em localidades diferentes, possuíam o mesmo aspecto doentio. O problema é que a sua doença não manifestava a maioria dos sintomas da sarna – o que a tornava diferente daquela.

Depois de observá-los, o médico ficou intrigado. Que doença é esta? Um machangana de nome Francisco Cuna explicou-lhe que a enfermidade – uma doença venérea secular – não era sarna. E sugeriu-lhe que separasse os homens e lhes perguntasse sobre as suas práticas sexuais. Para Cuna estava-se diante de um mal centenário e curável na medicina tradicional. O médico procedeu segundo a orientação e apurou que o primeiro homem se relacionou, sexualmente, com uma vaca, enquanto o segundo abusou duma cabra. A esse envolvimento sexual entre humanos e animais chama-se zoofilia. Entretanto, como no decurso da II Guerra Mundial o Anjo da Morte – um médico alemão que usava humanos como cobaias – já havia inventando o bismuto, uma injeção muito eficaz, na mesma época do surgimento da penicilina, ele entendeu que se podiam utilizar aqueles fármacos para tratar enfermidades daquela natureza. Em contra-senso, Francisco Cuna entendia que o método da medicina convencional era ineficaz. Para si, a doença daqueles homens devia ser tratada seguindo-se as regras da medicina tradicional. Até porque, em Manjacaze, de onde lhe chegavam vários

ecos sobre o assunto, curava-se o mal.

Ora, como o médico se mostrou incrédulo no que estava a ser dito, Francisco Cuna sugeriu que ficasse com um dos doentes, a tratá-lo, e liberasse o outro para ser assistido segundo a medicina tradicional. O terapeuta concordou e escolheu o doente menos grave para permanecer no hospital. Dez meses depois, o doente morreu. Em resultado disso, o médico chamou Cuna a fim de saber sobre o estado clínico do outro enfermo. Surpreendeu-se quando soube de que estava curado, tendo inclusive aparecido – na recordação de Cuna ao médico – no hospital a solicitar que lhe admitissem como empregado. O médico ficou intrigado: “Como é que o curou?”

A resposta de Cuna foi interrogativa: “Doutor, o senhor nunca viu um leão a comer capim?” Para o iátrico isso só acontecia – única e exclusivamente – se os animais carnívoros estivessem doentes. No âmbito desse quadro, Cuna explicou que é assim que os animais se curam. E ele havia sarado o enfermo usando as ervas de que os animais se alimentavam no seu processo terapêutico.

Mais adiante, acordaram que Francisco Cuna fosse ao matagal a fim de buscar as ervas curativas. Infelizmente, por puro azar, nesse dia o idoso, que estava descalço, pisou uma garrafa quebrada que o feriu, tendo contraído tétano. E morreu no hospital, antes de lhes entregar as ervas e raízes medicinais. O pior é que o jovem a quem sarou não sabia que tipo de vegetação é que lhe havia sido ministrado, muito menos o local onde foi encontrado.

É nesse sentido que eu sempre tenho dito a vários médicos que a SIDA – que também é uma doença milenar – tem cura. É verdade que ela foi descoberta em 1980, mas, conforme os americanos reportam, nos tempos da escravatura, essa enfermidade já existia em São Tomé e Príncipe.

Como é que se pode fazer para encontrar a sua cura? É preciso que se injecte a doença num cão – devendo deixá-lo no mato – e segui-lo a fim de se perceber como é que se comportará. Que ervas irá consumir para se tratar? A SIDA tem cura. Se fizerem conforme oriento irão descobri-la. O problema é que as pessoas pensam que eu sou um idoso que só sabe tocar viola e, conseqüentemente, não acatam o que digo.

### Eu sou cego



Em relação a este assunto, vale a pena começar por falar sobre a história do dízimo – algo reinventado pelo Bispo Macedo. Afinal, no primeiro século, Jesus Cristo já o havia instituído para nos livrar do pecado. É verdade que, naquela altura, se fazia de um modo peculiar.

Na época só se ofertava o dízimo uma vez por ano. Por isso, nesse intervalo do tempo, a pessoa juntava a décima parte da sua produção a fim de comprar alguns produtos que levava à Igreja para comer com a sua família. Como é óbvio, se a pessoa fosse pedreiro não juntava pedras. O que restava ficava na Igreja como mantimento. Então, quando eu era um miúdo de seis anos, fui a uma sessão religiosa em que se ofertava o dízimo. Encontrei um evangelista que curava lepra e cegueira, entre outros milagres. Por causa do seu dom, ele era procurado por pessoas de várias confissões religiosas.

Em resultado disso, em Inharrime, a Igreja Cristã passou a ter pouca credibilidade e adesão. Os crentes preferiam deslocar-se até às zonas recônditas para encontrar o referido evangelista. Foi esse senhor que fez o milagre de me curar a vista. É que falando com toda a franqueza – clinicamente – eu sou cego. Se eu for convosco à oftalmologia para fazer os testes pode-se concluir que sou invisual, não obstante estar a ver. Como é que surge a minha cegueira? A pergunta é um ponto de partida para se compreender uma série de peripécias.

Na minha infância, em Inharrime não havia luz eléctrica. Num final do ano, fui a uma festa na casa de alguns brancos. Fiquei de braços cruzados para que me oferecessem alguns restos de comida. De repente apareceu um casal com dois filhos que se sentaram, exactamente, a cinco metros de onde eu me encontrava. Eles puxaram uma mala preta, no interior da qual tiraram um pequeno objecto pirotécnico que, depois de ter sido aceso, criou feixes luminosos impressionantes. Assustados, eu e alguns amigos – que nunca tínhamos visto algo similar – fugimos.

Entretanto, ao constatarmos que as pessoas estavam a aplaudir – em jeito de celebração – retornámos ao local. O sujeito tirou outro objecto pirotécnico grande, acendeu e atirou-o exactamente na minha direcção. Como eu era bom de futebol, chutei-o de tal sorte que caiu

## Faleceu João Domingos, um idoso que sabia tocar viola e conhecia a cura da Sida (1933 - 2016)

Escrito por {ga=redacao}

Segunda, 12 Setembro 2016 08:00 - Atualizado em Sexta, 23 Setembro 2016 10:32

---

numa mesa e explodiu. Tudo o que se encontrava sobre a mesa começou a arder. Em resultado disso, imediatamente, fugi. Acredito que se alguém me seguisse – mesmo o melhor velocista do mundo – não me encontraria. Percorri mais de um quilómetro, do local até à minha casa, em menos de cinco minutos.

No dia seguinte, tinha de ir comprar pão – imaginem em que lugar? – ao lado de onde sucedeu o episódio. Tive de dar uma volta enorme para contornar o local a fim de chegar à Padaria Aziz. Primeiro, espreitei e constatei que não havia perigo nenhum – comprei o pão e voltei.

Entretanto, nas proximidades do local havia algumas pedras de construção civil dentro das quais havia um foguete. Animado, peguei o objecto e escondi-o até chegar à casa. Conservei-o num lugar bem secreto – atrás da palhota – à espera de um dia em que estivesse sozinho para explodi-lo.

No outro dia, fiquei com o ‘macambúzio’ – o nome que se dá ao rapaz que é pastor – porque a minha mãe e o meu tio tinham ido trabalhar. Recuperei o objecto. Enterrei-o um pouquinho, acendi-o e fiquei à espera que explodisse – o que não aconteceu imediatamente. A coisa queimou mas não explodiu. Por estupidez da minha parte, peguei o objecto, acendi-o novamente e comecei a soprá-lo até que acabou por explodir no meu rosto.

Nunca pensei que o mundo tivesse tantas estrelas como vi naquela circunstância. Vi milhares! A verdade é que a partir daquele dia – com cara de Rabicó – fiquei cego. Fui ao hospital para tratar a cegueira, sem êxito nenhum. A minha mãe recordou-se do senhor ‘muvanguele’, o evangelista, com quem fomos ter 16 dias depois. Ele fez pachos quentes de umas folhas – bem cheirosas – e orientou que se colocasse barro no meu rosto, devendo tirá-lo no dia seguinte de manhã. E, assim, recuperei a visão.

### **E a PIDE matou-o**

Como é que aquele evangelizador curava as pessoas? Onde ele obteve aqueles conhecimentos? Em conversa com a minha mãe, confessou que não era ele que curava as pessoas. Existia uma dimensão que intervinha.

Quando retornou a Moçambique da África do Sul – onde ia trabalhar nas minas – em certa ocasião, deparou com duas cabeças de gado caprino que devia apascentar. Num dos dias da sua actividade, narra ele que viu uma pessoa – vestida, completamente, de branco – que o chamou. Pensando que fosse o Padre Augusto de Mucumbia – mas não era – aproximou-se. Ao olhá-lo nos olhos, desmaiou. Nesse instante, foi-lhe dada a ordem de se deslocar até a sua casa onde devia edificar uma barraca aberta – com o fundo fechado – e colocar algumas pedras.

Depois disso, devia apetrechar o local com uns bancos, como quisesse, antes de retornar ao local do encontro. Foi-lhe dado um candelabro que devia colocar sobre as pedras e acendê-lo. Instruiu-se-lhe no sentido de curar as pessoas – o que significa que os milagres que ele fazia tinham a ver com as instruções que, durante as noites, recebia continuamente sempre que as populações lhe apresentavam problemas.

Em Inharrime não havia igreja. Os crentes iam fazer a missa numa escola rudimentar. Entretanto, por causa da acção do senhor ‘muvanguele’, a Igreja Católica de Mucumbia começou a perder os crentes. Em resultado disso, o pessoal da PIDE decidiu prender o evangelista. Eles levaram-no à Administração. O problema é que o administrador, o secretário, os intérpretes, incluindo os demais dirigentes não concordaram com a acção da PIDE.

A PIDE arranjou dois sipaios para julgá-lo. Eles arrancaram-lhe o candelabro e agrediram-no ao mesmo tempo que lhe perguntavam as razões que o moviam a fazer os milagres. Mas, assim que dissesse que ele era inspirado por Deus, a situação complicava-se. Agrediam-no mais e mais, até que acabaram por matá-lo.

Nós, os miúdos, estávamos na escola, mas acompanhámos a azáfama. Quando eu retornei a casa, a minha mãe disse-me que haviam assassinado o senhor ‘muvanguele’. Os homens da PIDE enviaram um carro da funerária para levar o seu cadáver amarrado. Vi-o nessa manhã, antes de ser levado para a cadeia, mas, quando lá chegaram, o corpo havia desaparecido.

Assustados com o facto, os cangalheiros saíram a correr para informar os homens da PIDE sobre o sucedido, ao que aqueles disseram que não havia nenhum problema porque tinham o seu candelabro. Colocaram o candelabro sobre a mesa e, escondidos, aguardaram que o evangelista aparecesse a fim de prendê-lo. Na verdade, fizeram o plano de matá-lo a tiros. Mas o que aconteceu é que, sem explicação racional nenhuma, o candelabro desapareceu.

Quando se apercebeu do sucedido, o agente da PIDE ficou apavorado, fugiu e começou a queimar várias partes do corpo até tombar. Os outros polícias ficaram carbonizados. Tempos depois, veio um avião buscá-los a fim de serem assistidos na Europa. Enfim, são histórias desta natureza que aconteceram comigo sobre as quais penso que nem vale a pena falar.

### **“Killer man” viveu 234 anos e matou milhares**

Nhamugovela – “o killer man” – é um dos homens mais misteriosos que apareceu em Inharrime e ninguém sabe de onde. Ele fazia almoços e jantares. Entretanto, a dado momento, eu comecei a adoecer e a delirar. Corriam os anos da II Guerra Mundial. O problema é que em tais delírios eu dizia coisas – sem pés nem cabeça – que aconteciam.

No outro dia, disse que havia um navio mercantil holandês que ia ser afundado por um submarino alemão. As pessoas estranharam a mensagem. Mas, a verdade é que, no dia seguinte, esse episódio sucedeu em Inharrime, na praia de Závora, por volta de 1940. A Royal Air Force – Força Aérea Britânica – atacou, aproveitando-se da situação. Numa outra situação, novamente, sonhei que o submarino ia ser atacado pela RAF e que ia afundar. Isso aconteceu e a partir daí as pessoas começaram a dar crédito aos meus delírios.

No entanto, nas vésperas de um dia de final do ano, eu sonhei que Nhamugovela ia matar o senhor Passos, a sua esposa e a sua vizinha. Depois do crime, ele lavaria as suas roupas no rio, ao mesmo tempo que ia utilizar um balde para introduzir as vísceras. E é isso o que ele fazia várias vezes.

Rapidamente, a minha mãe foi ter com o irmão do senhor Passos para falar sobre o meu sonho. Depois disso, juntos, fomos à procura de um sipaio com o qual nos dirigimos ao rio. Infelizmente, quando chegámos, Nhamugovela já havia lavado as roupas com as quais cometeu o crime e, no interior do balde, vimos as vísceras. Ele já havia assassinado as suas três vítimas.

Prenderam-no tendo-o levado para a cadeia, onde – antes de encarcerá-lo – o chicotearem nas mãos com um material metálico. No entanto, ele não sentia a dor. Sempre que lhe batiam

quem sofria era a mulher do administrador de Inharrime. No seu julgamento, manteve-se indiferente. Coincidentemente, naqueles anos, em Inharrime, apareceu um agente da Interpol à procura de um tal “killer man”. Fez uma descrição a partir da qual se compreendeu que se tratava de Nhamugovela.

O agente da Interpol ordenou para que servissem ao assassino uma comida com muito sal, até ficar enjoado, a fim de torturá-lo. No entanto, mesmo procedendo-se de tal modo, ele não sentia dor. Em resultado disso, despiram-no e – em volta da sua cintura – encontraram um fio com dois frasquinhos nas extremidades. Cortaram os fios e os recipientes caíram. Quando os abriram, no local instalou-se uma enorme nuvem vermelha.

Desta vez, ao torturarem-no, Nhamugovela começou a chorar e o seu corpo minguou de tal sorte que só ficou um esqueleto pequenino, com a pele colada aos ossos. O agente da Interpol ficou seguro de que ele era o “killer man”. Cortou uma porção da sua pele da mão, e levou-a para a Inglaterra para se fazer a avaliação da sua idade, tendo-se apurado que ele tinha 234 anos. Começou a matar as pessoas a partir da região da Abissínia, na Etiópia. Por isso, estava a ser procurado há dois séculos.

Eu não sei como é que a Interpol descobriu as artimanhas de Nhamugovela, o facto é que já estava à sua procura há vários anos. Infelizmente, quando o descobriram em Inharrime não havia jornais. Por essa razão, o registo destes acontecimentos só pode ser pesquisado no Posto Administrativo de Inharrime. Deve haver algum registo. Acredito que o “killer man” tinha alguns problemas espirituais que o moviam a protagonizar actos macabros. Anualmente, ele assassinava as pessoas a fim de lhes tirar as vísceras com as quais fazia banquetes. Por vezes, ofertava-as ao administrador como carne de caça.

### **História da Marrabenta**

Por mera coincidência, no tempo colonial, apareceu em Lourenço Marques um magaíssa, nome que se dá ao moçambicano que trabalha nas minas na África do Sul. Nessa altura, existia a Witwatersrand Native Labour Association, Wenela, instituição que recrutava mão-de-obra para a Terra do Rand.

# Faleceu João Domingos, um idoso que sabia tocar viola e conhecia a cura da Sida (1933 - 2016)

Escrito por {ga=redacao}

Segunda, 12 Setembro 2016 08:00 - Atualizado em Sexta, 23 Setembro 2016 10:32

---

